



OBITUÁRIO

Anthony D. Smith (1939-2016), por José Manuel Sobral

Análise Social, 220, LI (3.º), 2016

ISSN ONLINE 2182-2999

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Av. Professor Aníbal de Bettencourt, 9
1600-189 Lisboa Portugal — analise.social@ics.ul.pt





OBITUÁRIO

Anthony D. Smith **(1939-2016)**

Anthony David Smith, que morreu em julho na cidade em que havia nascido, Londres, foi um eminente investigador do nacionalismo. Era filho de um casal judeu formado por um pai londrino e por uma mãe alemã de uma família de ascendência polaca, que se exilou na Grã-Bretanha no ano em que Hitler chegou ao poder: 1933. Criado num meio de classe média, cedo descobriu o seu interesse pela cultura clássica, que mais tarde iria aprofundar durante algum tempo na Universidade de Oxford. Viria a estudar sociologia na LSE, tendo realizado aí o seu primeiro doutoramento, supervisionado por Ernest Gellner, sobre o nacionalismo. Obteria posteriormente um segundo doutoramento, com uma pesquisa dedicada ao revivalismo histórico na arte na França e na Inglaterra do século XVIII, também ligada à mesma temática. Todo o seu labor científico pode ser visto como uma refutação da afirmação, escutada ainda em jovem, que o nacionalismo estava morto.¹

As suas raízes familiares e étnicas e o contexto histórico em que viveu são da maior importância para compreender não só a sua dedicação ao estudo do nacionalismo, como também as vias que seguiu na sua abordagem.

1 Segundo Smith, foi o que ouviu, em 1962, no Collège d'Europe, em Bruges, quando indicou pela primeira vez que pretendia estudar o nacionalismo. V. Hall (2016, p. 13). Quase três décadas volvidas, Eric Hobsbawm, ele próprio um investigador importante do tema, dá-lo-ia como moribundo; cf. Hobsbawm (1990).

Internado em escolas privadas ainda jovem, foi na interação com os outros que adquiriu a consciência das implicações de pertencer a um grupo diferente da maioria, que era cristã. Entre elas, o antissemitismo de alguns professores e colegas, fator que fez com que o seu percurso fosse distinto, em palavras suas, do de um “rapaz normal da classe média inglesa”. É numa dessas escolas que descobre, por acaso, ao folhear um jornal alemão antigo, a descrição do assassinato do seu avô alemão, um comerciante de sedas, em 1933.² A partir daí, iria reconstituir a história da sua família extensa assassinada – cerca de oitenta pessoas na Alemanha e na Polónia – tendo chegado a visitar os locais em que os seus antepassados tinham vivido (Hall, 2016).

O facto de ser judeu, como, aliás, outras figuras maiores do estudo do nacionalismo – Hans Kohn, Gellner, Hobsbawm – reflete-se em múltiplas dimensões da sua abordagem. Uma delas, crucial, é o facto de estudar as nações como fenómenos assentes em processos de longa duração. O judaísmo, de facto, mostra como é possível comunidades sobreviverem ao longo de séculos e milénios, mesmo que essa sobrevivência não fosse, de modo algum, linear. E isto teria sucedido, em sua opinião, não só com os judeus, mas com outras coletividades, como os arménios ou os persas. No caso dos judeus, o nacionalismo moderno – o sionismo –, surgido em finais do século XIX, e que esteve na base da criação do Estado de Israel, é posterior em muitos séculos à sua existência como um povo. Além disso, Smith irá mostrar como aspetos do judaísmo bíblico – religião e mitos próprios, uma terra natal, uma língua e uma literatura antigas, tradições, uma missão especial como “povo eleito”, até a realeza sagrada – serão herdados pelo cristianismo europeu, servindo a Bíblia hebraica de molde a reivindicações nacionais europeias. Do mesmo modo, o seu conhecimento da cultura clássica permite-lhe agregar ao legado judaico-cristão temáticas da Antiguidade clássica, como as das cidadania e do patriotismo, retomadas nos discursos e nas práticas nacionalistas, em particular desde a Revolução Francesa.³

A obra de Anthony Smith recenseia, como nenhuma outra, a literatura sobre o nacionalismo e muito provavelmente ninguém conheceu este campo de estudos quanto ele. Leu os principais teóricos que o precederam, como Carlton Hayes e Hans Kohn, e começou por ser um modernista, na linha de Gellner, para quem o nacionalismo é um facto moderno, produto da era industrial, como já o fora em parte para Kohn que, no entanto, detetara sentimentos

2 Esse momento seria recordado por ele no decurso de uma homenagem que lhe foi prestada em 2004, quando se reformou de Professor of Ethnicity and Nationalism da LSE.

3 Um dos últimos ensaios que publicou é dedicado, precisamente, à análise do papel da Bíblia hebraica e de tópicos da Antiguidade clássica no nacionalismo. V. Smith (2015).

de nacionalidade anteriores. Depois, e na esteira das interpretações de autores como Walker Connor ou John Armstrong, que haviam sublinhado a importância do fator étnico e da longa duração na gênese dos factos nacionais, é que virá a modificar a sua visão, que denominará de etno-simbolista.⁴

A razão desta designação da sua abordagem deve-se fundamentalmente a dois aspetos. Em primeiro lugar se, para Smith, as nações são algo de moderno, pois define-as como entidades que vivem num determinado território histórico, com mitos e memórias partilhadas, uma economia comum, os mesmos direitos e deveres legais para os seus membros, algo que apenas ocorre com o advento da cidadania democrática, elas não surgem do nada. Antes delas existiam etnias – coletivos com um nome, um mito de ancestralidade, memórias, língua e práticas culturais partilhadas, que reivindicavam um determinado território natal e exibiam sentimentos de solidariedade de grupo. As etnias podiam ter uma grande antiguidade e dar lugar a nações, embora muitas tivessem desaparecido ao longo da história. Em segundo lugar, a designação de “simbolista” deve-se ao facto de Smith revalorizar os aspetos culturais – mitos e símbolos, língua – no nacionalismo, não o reduzindo a um mero efeito determinado pelo político ou pelo económico, como ocorre em outras interpretações, como a de Gellner, em que nações e nacionalismo são uma consequência funcional da industrialização.

O essencial da exposição da sua proposta de abordagem teórica encontra-se em obras como *The Ethnic Origins of Nations* (1986), *National Identity* (1991) – traduzido em português – e na crítica exaustiva que faz ao modernismo em *Nationalism and Modernism* (1998). Esta ganha todo o seu significado se tivermos em consideração que o modernismo, encarnado em interpretações distintas por figuras como Gellner, Hobsbawm ou Benedict Anderson, era o paradigma mais influente.

O seu labor científico viria a ser consagrado com a criação da cadeira de “Nacionalismo e Etnicidade” na London School of Economics, de que foi o primeiro professor, embora Smith sempre tenha achado que esta escola não apoiou devidamente o seu campo de pesquisa. Mas foi aí que prosseguiu um trabalho que atraiu muitos estudantes, cujas teses dirigiu e alguns dos quais se encontram entre os mais importantes investigadores do nacionalismo nos nossos dias. Foram os seus estudantes que criaram e mantiveram até hoje a ASEN – *Association for the Study of Ethnicity and Nationalism* – cuja conferência anual é uma referência no âmbito dos estudos do nacionalismo, e foi com eles que criou revistas muito prestigiadas como *Nations and Nationalism* e *Studies in Ethnicity and Nationalism*.

4 V. Hayes (1931); Kohn (1945); Gellner (1983); Connor (1994); Armstrong (1982).

Homem veemente e a quem a doença prolongada não retirou nem o fervor criativo, nem a paixão, combinou esse caráter com um espírito de abertura e uma ausência de sectarismo que o engrandecem. A ASEN e as suas revistas estiveram sempre abertas a outras abordagens que não a do etno-simbolismo e as posições de Smith foram objeto de crítica, como outras. E, muito embora fosse um crítico de Gellner, com quem se confrontou publicamente, as conferências anuais da ASEN são precedidas pela Gellner Lecture, numa homenagem única a este antigo professor.⁵ Mas a ação de Smith e da ASEN, em grande medida inconfundíveis, não se restringiram ao respeito pelo pluralismo interpretativo. Também se pautaram pela originalidade e pela transdisciplinaridade, algo que se coadunava com a figura deste intelectual, um estudioso da cultura clássica e um sociólogo atento aos contributos das diversas ciências sociais, da antropologia à psicologia social e aos estudos culturais. Foi a ASEN, por exemplo, que dedicou em 2014 um simpósio especial à comemoração dos 25 anos de publicação do livro de Michael Billig, *Banal Nationalism*, uma obra da maior influência, que situou o estudo do nacionalismo no contexto da vida quotidiana.

Todo este dinamismo organizativo foi acompanhado pela publicação de mais de 100 artigos e capítulos de livros e de 17 livros, a forma de expressão cuja “arquitetura”, nas suas palavras, mais se coadunava com os seus objetivos em termos de expressão, e que foram publicados em várias línguas. Para além dos já citados devem referir-se, entre outros, *Chosen Peoples* (2003) *The Cultural Foundations of Nations: Hierarchy, Covenant and Republic* (2008), *Ethno-symbolism and Nationalism: a Cultural Approach* (2009) e *The Nation Made Real: Art and National Identity in Western Europe, 1600-1850* (2013). Anthony Smith deixa um legado sem paralelo nos estudos sobre o nacionalismo, em que se inclui um livro por publicar sobre música e nacionalismo. E deixa igualmente uma importante rede de investigação, fruto do seu carisma, da sua dedicação e da sua convicção de que o nacionalismo, longe de ser algo do passado – ainda assim objeto legítimo da investigação histórica – continua a ser um fator fundamental do nosso presente, como a atual conjuntura histórica mostra de sobejo, e que importa analisar.

5 O confronto público teve lugar na Universidade de Warwick, e os textos estão publicados em *Nations and Nationalism*, 2 (3), 1996.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARMSTRONG, J. A. (1982), *Nations before Nationalism*, Chapel Hill, The University of North Carolina Press.
- CONNOR, W. (1994), *Ethnonationalism: the Quest for Understanding*, Princeton, Princeton University Press.
- GELLNER, E. (1983), *Nations and Nationalism*, Oxford, Blackwell.
- HALL, J. A. (2016), "An intellectual journey. Anthony D. Smith interviewed by John A. Hall". *Nations and Nationalism*, 22 (1), 2016, pp. 6-19.
- HAYES, C. J. H. (1931), *The Historical Evolution of Modern Nationalism*, Nova Iorque, The Macmillan Company.
- HOBBSBAWM, E. (1990), *Nations and Nationalism since 1780*, Cambridge, Cambridge University Press.
- KOHN, H. (1945), *The Idea of Nationalism: a Study in its Origins and Background*, Nova Iorque, The Macmillan Company.
- SMITH, A. D. (2015), "Biblical beliefs in the shaping of modern nations". *Nations and Nationalism*, 21 (3), pp. 403-422.

SOBRAL, J. M. (2016), *Obituário* "Anthony D. Smith (1939-2016)". *Análise Social*, 220, LI (3.º), pp. 765-769.

José Manuel Sobral » jose.sobral@ics.ulisboa.pt » Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais
 » Av. Aníbal de Bettencourt, 9 — 1600-189 Lisboa, Portugal.
